

A Sentença de Tristão

“Por que ainda insistes, se te troquei por outro?”

Essas palavras chamaram-lhe de volta. Lógica cruel, derramada em espírito debilitado. Quem quer que lhe as trouxesse tinha razão: rejeitado, então, por quê?

Em pé, justificou-se.

Deveriam ter alguma ligação espiritual, se não, por que lhe perseguiria em sonho? Trocaram juras de amor. Não juraria mais. *“Não, eu não juro.”* O de seu partido, olhou-o de soslaio. Quem lhe olhava assim era o que agora o substituía: oblíquo, sorriso canto de boca.

Sentou-se outra vez.

Ontem mesmo a tinha visto. Que o assaltasse de abraços, não aconteceu; foi com um suspiro que a abandonou. *“Terias não tomado a tua porção do filtro do amor?”*

–Se se culpa um apaixonado, deve-se igualmente culpar quem lhe incutiu o sentimento. É comum que culpemos somente aqueles que atentam, e ignoremos aqueles que provocam; é tratar do efeito, e não da causa.

Ruminava a palavra; do solilóquio à circunspeção. Sua alma movimentou-se em direção à Isolda. Regozijou-se a contemplá-la... Outra palavra lhe cortou o real; um som. Queixava-se do amor, coincidiam os depoimentos.

Iniciou-se o falatório.

Tentavam incutir-lhe remorso; tacanha verborragia! Que compusessem uma balada sobre o caso, não mudaria juízo. Recomendaria até mesmo que não a pusessem como anjo violentado, mas como quase-sereia, que encanta para devorar, mas saciada a fome, bate as asas de harpia para meter-se noutra coral. Natureza dúbia e enleada, peixe-ave, como a dela. Repassou na mente os sinais: não, não poderia estar errado. *“Abstenho-me de qualquer culpa.”*

–Deveis receber a palavra com o ouvido do coração. Como tentais entendê-lo através do regime impessoal do qual o protagonista é o intelecto metodicamente disciplinado, jamais o compreendereis. “Crime passional” é vã categoria retórica. Que lhe a culpem, em vez disso! Seu crime foi maior, foi mandante!

Vendo-a, sabia da verdade. Olvidou por vezes; retórica feminista. Olhos ardentes, beijos dulcificados. Impossível a negação! Poderia impugnar o fruto quem lhe sorveu todo o sabor?! Desvirtuou seu coração ao incutir-lhe concupiscência; enxertou em seu espírito o que há de mais humano. Nada de errado.

–Os sinais na pele são claros, em ambos. Hesitais diante das marcas do pecado? Não há vivência mínima para que se deixe entrar com demasiado império os horrores da violência fálica! Devemos todos respeitar os deveres sagrados. Após a quebra do primeiro freio, não há de descer o carro em desgoverno? É caso de tirá-lo das ruas, até que saibamo-lo seguro.

Blindaram-na com sentenças da jurisprudência. Parecia mesmo exercício de prosopopeia... Que ela tornasse a falar a verdade, mas a diaba vertia-se em lágrimas! Outrora criança daninha, agora marcada por excesso de sensibilidade.

Ela movimentou-se, por fim, cambaleante. Figura encantadora, com aspecto mais ingênuo e interessante do mundo. Difícil não penetrar numa alma tão sensível... Nada de natureza rompida, apenas a cândida beleza que o céu imprimiu. Engasgou-se, contudo, de horror, diante do causador de seu opróbrio, da ignomínia de sua vida.

“Tudo mentira! A mais descarada mentira!”

Devolvia-lhe o bem com o mal. A artimanha, a galantaria e a falsidade serviriam para condená-lo. Remexeu as algemas. Desejou nunca a ter conhecido, e só não jurou matá-la, pois prometera, antes, que não juraria mais.